

AS METODOLOGIAS DE ENSINO E AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM NA DIDÁTICA DA GEOGRAFIA

Valeska Eduarda dos Santos Silva¹

(Graduanda em Geografia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), CAPF, (84) 99816-8427, valeskaeduarda@alu.uern.br)

Rosalvo Nobre Carneiro²

(Professor Doutor do Departamento de Geografia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), CAPF, (84) 99998-0426, rosalvonobre@uern.br)

RESUMO

O presente artigo analisa a articulação entre as metodologias de ensino e as funções da linguagem na Didática da Geografia. Tem como objetivo compreender de que maneira a linguagem influencia as escolhas metodológicas e atua como elemento constitutivo da prática pedagógica na disciplina. A metodologia adotada consistiu em revisão bibliográfica de autores que discutem diferentes recursos didáticos – como desenhos, músicas, filmes, quadrinhos e tecnologias digitais – utilizados no ensino de Geografia. Os resultados indicam que a linguagem exerce funções cognitivas, expressivas, mas não comunicativas no processo de ensino-aprendizagem, sendo parte integrante das metodologias analisadas. Conclui-se que a valorização da linguagem como componente metodológico potencializa práticas pedagógicas mais significativas, críticas e criativas.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-aprendizagem; recursos didáticos; linguagens no ensino.

GT5: Ensino de Geografia

1 INTRODUÇÃO

A Didática, enquanto campo do saber pedagógico, constitui-se como um dos pilares fundamentais do processo educacional, tendo a discussão de questões metodológicas relacionadas ao ato de ensinar como um de seus principais elementos. Para além da simples mediação de conteúdos, a Didática preocupa-se com as condições que viabilizam a aprendizagem, considerando desde o domínio de metodologias adequadas à idade e nível de ensino, até a estruturação de ambientes físicos e simbólicos que favoreçam a construção ativa do conhecimento. Ao se debruçar sobre o ensino de Geografia, a Didática revela-se como uma interface entre o conhecimento científico e a prática docente, sendo, portanto, indispensável para mediar os saberes geográficos no espaço escolar.

Apesar de sua importância, observa-se que a Didática ainda ocupa um lugar marginalizado dentro da produção acadêmica da Geografia. Não se constitui como tema central nas principais correntes da educação geográfica, sendo, muitas vezes, preterida em favor de tópicos tradicionalmente valorizados pela disciplina, tais como o ensino dos conceitos de

espaço, território, paisagem e lugar. Este afastamento revela uma lacuna teórica e metodológica que impacta diretamente a formação de professores e, por consequência, o ensino de Geografia na educação básica. A despeito disso, emergem esforços no sentido de fortalecer o diálogo entre a Geografia acadêmica e a prática pedagógica, especialmente por meio da Didática da Geografia e a linguagem. Nas palavras de Carneiro (2022),

Desde a sua institucionalização como ciência do mundo objetivo – assim a interpretamos –, se configurou a Geografia como a ciência do mundo social, e hoje se entrelaçam essas perspectivas com uma Geografia como ciência do mundo subjetivo. Geografia social, sim! Falta-lhe, entretanto, uma preocupação com o paradigma da intersubjetividade. Falta-lhe uma dimensão por excelência da sociedade e da humanidade, o uso comunicativo da linguagem, uma Geografia comunicativa (p. 21).

Neste contexto, a metodologia de ensino assume papel central como mediação dos conteúdos geográficos, seus objetivos e as ações de aprendizagem dos alunos e alunas. Seja na forma de métodos tradicionais — como a aula expositiva e a memorização —, seja por meio de metodologias ativas como estudos de caso e debates, a escolha do modo como se ensina revela concepções de mundo, sobre o conhecimento e como os escolares aprendem. Embora alguns autores tracem distinções entre “métodos” e “metodologias”, é comum encontrarmos na literatura o uso dos dois termos como sinônimos, referindo-se ao conjunto de estratégias e procedimentos que orientam a prática docente. Assim, metodologias de ensino não podem ser pensadas de forma neutra ou técnica, mas como elementos estruturantes do projeto educativo.

Nesse processo, a linguagem surge como mediadora fundamental entre o professor, o conhecimento e os estudantes. As funções da linguagem, permitem ampliar a compreensão sobre os efeitos comunicativos no processo de ensino e aprendizagem, isto é, na própria Didática. Para Habermas (2004, 2022), a linguagem cumpre três funções essenciais: a função cognitiva, voltada à representação de fatos e formação de pensamentos; a função expressiva, relacionada à manifestação de sentimentos e emoções; e a função comunicativa, cujo objetivo é a construção de consensos e acordos intersubjetivos. Ao trazer essa perspectiva para o ensino de Geografia, torna-se possível compreender como a linguagem — em suas múltiplas formas e expressões — não apenas “transmite” conteúdos, mas constrói significados e subjetividades no ato educativo.

No ensino geográfico, essa mediação linguística adquire contornos próprios, uma vez que o conhecimento geográfico é marcado pela presença de linguagens específicas, como a

cartográfica, a gráfica, a visual e a verbal. O domínio dessas linguagens é fundamental para que os estudantes possam ler, interpretar e transformar o espaço, via cidadania territorial, objetivo último da educação geográfica. Por essa razão, é necessário refletir sobre o lugar que a linguagem ocupa nas metodologias adotadas, problematizando de que maneira ela é mobilizada para potencializar — ou limitar — os processos de aprendizagem.

Considerando esse panorama, este artigo parte do seguinte recorte temático e temporal: a análise da educação geográfica a partir da articulação entre metodologias de ensino e funções da linguagem. Interroga-se, especificamente, sobre o papel da linguagem na escolha e aplicação das metodologias de ensino em Geografia: em que medida as funções da linguagem influenciam ou orientam a prática pedagógica na disciplina? De que maneira a linguagem pode ser pensada como elemento constituinte da Didática não apenas como meio de informação e representação, mas comunicação intersubjetiva?

Com vistas a responder a essas questões, desenvolveu-se uma pesquisa de natureza bibliográfica e de revisão da literatura, com base em artigos publicados em periódicos científicos classificados entre os estratos A1 e A4 da área de Geografia. Além disso, analisou-se alguns manuais de Didática geral sobre metodologia e o lugar da linguagem. A coleta de dados foi realizada nas plataformas Google Acadêmico e Periódicos CAPES, resultando em um levantamento de 22 artigos. Entre os periódicos analisados, destacam-se os seguintes: Caderno de Geografia, GEO UERJ, Boletim Paulista de Geografia (A1); GEO USP, Boletim de Geografia/UEM, Boletim Goiano de Geografia, Geografares e Geografia: Ensino & Pesquisa (UFSM), classificados nos estratos A2 e A3. A análise dos textos se deu pela leitura integral dos materiais, e se buscou identificar metodologias no ensino de Geografia e se integram a linguagem em suas proposições didáticas.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 METODOLOGIA/MÉTODO DE ENSINO NOS MANUAIS DE DIDÁTICA

A análise dos manuais de Didática geral, em grande parte, concentra-se na descrição e classificação dos métodos, sem, contudo, integrar de maneira sistemática as funções da linguagem como categoria essencial no processo de ensino-aprendizagem. Ainda que o termo “metodologia” apareça frequentemente associado à ideia de escolha de caminhos e estratégias para alcançar determinados objetivos educacionais, observa-se uma lacuna na problematização do papel que a linguagem exerce na mediação desses percursos didáticos.

De acordo com Liblik (2012), a metodologia é compreendida como o estudo dos métodos existentes, sendo responsável por analisá-los quanto à sua aplicabilidade, potencialidades e limites. Para a autora, trata-se de um processo reflexivo que orienta o professor na seleção consciente de procedimentos, levando em conta o contexto, os objetivos e o perfil dos alunos. Nessa mesma linha, Malheiros (2019) reforça que os métodos de ensino são caminhos definidos pelo docente para facilitar a aprendizagem, sendo, portanto, escolhas intencionais e estruturadas.

Esses “caminhos” foram classificados por diferentes autores. Segundo Malheiros (2019), Piaget, por exemplo, agrupou os métodos de ensino em quatro tipos: métodos tradicionais, métodos ativos, métodos intuitivos e métodos de ensino programado. Essa tipologia oferece um panorama que evidencia diferentes formas de mediação do conhecimento — algumas centradas no professor, outras no aluno, outras ainda nos sentidos ou nas respostas esperadas. Em todos os casos, o elemento linguístico está presente, seja na exposição oral, nos debates, nos estudos dirigidos, nas dramatizações ou nos jogos didáticos. Contudo, a linguagem aparece nesses métodos muito mais como suporte funcional (transmissão de conteúdo) do que como elemento estruturante da prática pedagógica.

Malheiros (2019) aprofunda essa discussão ao detalhar os métodos de exposição (oral e dialogada), de demonstração, exemplificação, estudo de caso, conversa didática, seminário, entre outros. Embora essas estratégias recorram intensamente à linguagem, não há, nos manuais analisados, uma problematização das funções comunicativas envolvidas em cada situação. A exposição oral, por exemplo, é descrita como uma comunicação unidirecional — do professor ao aluno — o que corresponderia, segundo Habermas (2004), à função cognitiva da linguagem: representar fatos e formar pensamentos. Já a exposição dialogada, por estimular a intervenção dos aprendizes, mobiliza não apenas a função cognitiva, mas também a comunicativa, uma vez que busca a construção de sentidos compartilhados. Esta compreensão de comunicação, porém, é limitada e não satisfaz a condição defendida por Carneiro (2022), em sua educação geográfica do agir comunicativo, para quem, a função comunicativa buscada é a do diálogo autêntico entre professor e alunos capaz de construir entendimentos diante de problematizações dos temas do mundo da vida que partilham.

Nesse sentido, as funções da linguagem cognitivas, expressivas e comunicativas permanecem subentendidas ou invisibilizadas nos métodos descritos. A ausência de um olhar analítico sobre essas funções compromete a compreensão mais ampla da linguagem como parte

constitutiva da metodologia. Por exemplo, ao considerar apenas o conteúdo a ser transmitido, sem refletir sobre o modo como ele será simbolizado, representado e internalizado por meio da linguagem, corre-se o risco de reduzir o ensino à mera aplicação técnica de estratégias.

Libâneo (2013), por sua vez, oferece uma contribuição importante ao afirmar que os métodos de ensino regulam a interação entre ensino e aprendizagem, professor e aluno, e que essa interação está orientada por objetivos específicos. Nesse processo, é a linguagem que possibilita que tais objetivos sejam negociados, compreendidos e alcançados. Segundo o autor, os métodos se organizam em torno de três grandes eixos: exposição pelo professor, trabalho independente do aluno e elaboração conjunta. Em todos eles, a linguagem desempenha um papel fundamental — seja como meio de transmissão (exposição), como instrumento de reflexão (trabalho independente), ou como forma de negociação e construção coletiva do saber (elaboração conjunta).

Outro ponto relevante identificado na análise é que métodos como o trabalho em grupo, a dramatização, o debate, os seminários e os estudos de caso, mesmo que não tratem explicitamente da linguagem, pressupõem um uso intensivo e qualificado da comunicação. Em metodologias ativas como essas, a linguagem deixa de ser apenas veículo e passa a ser também conteúdo — os estudantes aprendem ao falar, ao argumentar, ao narrar, ao ouvir e ao reformular. Aqui, é possível reconhecer a função expressiva da linguagem, relacionada aos sentimentos, emoções e posicionamentos, bem como a função comunicativa, voltada ao compartilhamento de sentidos subjetivos, mas não necessariamente a negociação de sentidos coletivos.

Apesar da riqueza desses métodos, poucos autores estabelecem uma ponte direta entre as funções da linguagem e a intencionalidade didática das metodologias. Isso reforça a hipótese desta pesquisa: a linguagem permanece como um elemento acessório no discurso pedagógico, quando, na verdade, deveria ser compreendida como parte intrínseca da mediação educativa. Se a metodologia diz respeito ao “como” se ensina, então é imprescindível considerar que esse “como” é sustentado, em larga medida, pela linguagem em suas múltiplas dimensões — verbal, visual, cartográfica, simbólica.

Essa constatação se torna ainda mais evidente quando se analisa a educação geográfica. Na Geografia escolar, a linguagem assume diferentes formas — mapas, gráficos, imagens, textos, discursos orais —, todas elas exigindo do professor uma escolha metodológica consciente que articule forma e conteúdo. Ensinar cartografia, por exemplo, exige mais do que

dominar escalas e coordenadas; exige compreender a linguagem cartográfica e suas funções cognitivas e comunicativas no desenvolvimento do pensamento espacial.

Portanto, aponta-se para a necessidade de uma maior integração entre as discussões metodológicas e as funções da linguagem nos estudos didáticos em Geografia. Metodologias de ensino não são apenas instrumentos operacionais, mas construções simbólicas que envolvem escolhas linguísticas, epistemológicas e políticas. Ao compreender a linguagem como parte constituinte das metodologias — e não apenas como um meio de comunicação —, amplia-se o potencial crítico e formativo da educação geográfica.

2.3 OS TIPOS DE METODOLOGIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: ARTICULAÇÃO COM AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM

A análise de práticas metodológicas no ensino de Geografia revelou o uso de diversas linguagens como mediação didática, as quais ampliam a dimensão comunicativa do ensino e reposicionam o estudante como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Os recursos investigados — desenhos, músicas, filmes, quadrinhos, tecnologias digitais, entre outros — são mais do que ferramentas auxiliares; configuram-se como metodologias propriamente ditas, por promoverem experiências educativas possíveis de articular a função cognitiva, expressiva e comunicativa da linguagem.

A linguagem visual, por exemplo, é abordada por Santos (2011) como uma forma distinta de expressão e construção do pensamento, cuja estrutura e função não se equiparam nem à linguagem oral nem à linguagem escrita. Segundo o autor, o desenho mobiliza elementos imaginativos e simbólicos que exigem do aluno a substituição das imagens móveis por imagens fixas, representadas visualmente. Trata-se, portanto, de uma linguagem que recorre ao imaginário e à simbolização gráfica, configurando-se como um recurso metodológico que mobiliza, sobretudo, a função cognitiva da linguagem, ao representar e estruturar mentalmente os conceitos geográficos por meio de imagens. O uso de desenhos permite ao aluno transpor conteúdos abstratos para formas visuais concretas, favorecendo, ainda, o desenvolvimento de uma linguagem espacial própria da Geografia.

No mesmo sentido, a utilização da música em sala de aula, como descrita por Velloso (2020), promove uma mediação entre o conhecimento geográfico e a vivência cultural dos estudantes. A música, por estar intrinsecamente ligada ao cotidiano e às emoções, favorece a conexão racional e afetiva entre o conteúdo e o sujeito. Segundo a autora, “conteúdos que são

aparentemente mais complexos e distantes, podem ser mais atrativos se trabalhados de forma lúdica”, e a música é capaz de “estimular a participação dos alunos com outras linguagens, além de ser mediador das informações que poderiam parecer distantes da realidade desses alunos”. Nesse caso, além da função cognitiva, identifica-se a função expressiva da linguagem, uma vez que a música envolve sentimentos, memórias e afetos que potencializam a aprendizagem. A musicalidade das letras, que muitas vezes abordam temas geográficos — como clima, migração, urbanização —, contribui para o engajamento emocional e crítico dos estudantes.

Outro recurso didático relevante são os filmes, os quais usados em sala de aula em diferentes metodologias. De acordo com Chiapetti e Freitas (2019), os filmes auxiliam a ação educativa ao despertar a capacidade de interpretação do cotidiano e da realidade global. A Geografia, como ciência dinâmica e interdisciplinar, encontra nos filmes uma linguagem acessível para tratar temas complexos da relação natureza-sociedade. Como apontam os autores, “por meio do filme é possível despertar o interesse, melhorar a participação, estimular o debate e a reflexão crítica dos alunos”. Aqui, é evidente o papel da linguagem audiovisual como promotor de comunicação entre os alunos, o que levaria ao uso da função comunicativa da linguagem, caso seja usada para a formação de consensos, e não apenas para provocar questionamentos e permitir uma leitura crítica das representações sociais. O filme, enquanto narrativa imagética e simbólica, estimula a problematização, promovendo uma prática metodológica que integra conteúdo, linguagem e reflexão crítica.

O uso de charges, cartuns e tiras de quadrinhos também figura como recursos valiosos inseridos em metodologia de ensino. Silva e Cavalcanti (2008) defendem que essas formas de expressão humorística, por serem instigantes, críticas e questionadoras, podem aprofundar a aprendizagem por meio de um olhar reflexivo e criativo. Segundo os autores, a adequada utilização desses materiais, aliada a uma proposta de estudo consistente e bem fundamentada, proporciona uma aprendizagem com maior senso crítico. Além disso, ativam a função expressiva ao mobilizar o humor e o estranhamento como formas de engajamento pedagógico. Tais recursos operam na dimensão da linguagem simbólica e icônica, combinando imagens e textos curtos, e são especialmente eficazes para desenvolver nos alunos a função comunicativa da linguagem, por meio da interpretação compartilhada de mundos representados nessas linguagens visuais.

Por fim, destaca-se a inserção das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) como recursos didáticos no ensino de Geografia. Grossi e Fernandes (2018)

argumentam que o uso de mídias digitais — como celulares, vídeos, áudios, apresentações interativas e aplicativos — contribui para tornar as aulas mais dinâmicas e significativas, diminuindo o desinteresse dos alunos. As TDIC, segundo os autores, atuam como mediadoras entre conteúdo e linguagem, permitindo não apenas a visualização e o registro de informações, mas também a criação de narrativas multimodais. As linguagens digitais ampliam a possibilidade de expressão dos estudantes, integrando a função cognitiva (representação e organização de informações), a função expressiva (produção de conteúdos autorais e identitários) e a função comunicativa (interação e colaboração online e presencial). Mais uma vez, porém, o que se defende nesse estudo, é que a comunicação como mera interação social, seja online ou cara a cara não é suficiente. Argumentar, criticar, refletir, deliberar são apenas passos no desenvolvimento da aprendizagem fundamental de constituir mundos da vida, isto é, de construir significados e compartilhá-los comunicalmente, de modo livre e sem coerções. Segundo Carneiro (2022) “Nesse sentido, é sempre urgente pensar na manutenção da vida, na sua reprodução, não apenas material, mas sobretudo simbólica; não apenas pela técnica e pelo conflito, mas especialmente pela linguagem e pelo entendimento” (p. 20).

Os exemplos analisados demonstram que as metodologias no ensino de Geografia não operam de forma isolada das linguagens, mas dependem profundamente delas. Desenhos, músicas, filmes, charges, quadrinhos e tecnologias digitais não são apenas recursos didáticos periféricos — são modos de organizar a experiência educativa por meio de linguagens específicas que articulam pensamento, emoção e interação. A linguagem, nesse sentido, não pode ser compreendida como simples veículo da metodologia, mas como sua própria constituição. Quando professores escolhem uma metodologia baseada na linguagem visual, musical ou digital, estão, ao mesmo tempo, escolhendo um modo de ensinar e um modo de se comunicar com seus alunos — e é justamente essa articulação que amplia o potencial pedagógico da Geografia escolar. Todavia, se a função representativa é marcante, e a expressiva cada vez mais valorizada, sobretudo nas abordagens fenomenológicas, a função propriamente comunicativa no sentido de produzir consensos de fundo em torno de problemáticas subjacentes ao mundo da vida dos alunos e alunas, não se está presente nos estudos analisados. Prevalece, porém, uma compreensão limitada da comunicação como interação ou troca de informação, de opinião, de pontos de vista. Um passo adiante seria o desenvolvimento de uma Didática do agir comunicativo (Carneiro, 2022), que tivesse a orientação para a construção do entendimento intersubjetivo como parâmetro, necessário para o desenvolvimento da cidadania geográfica.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os exemplos de práticas didáticas discutidos – como o uso de desenhos, músicas, filmes, quadrinhos e tecnologias digitais – evidenciam que a linguagem não atua apenas como suporte para a comunicação do conteúdo geográfico, mas como um elemento constitutivo das próprias metodologias, influenciando a forma como o conhecimento é elaborado, mediado e apropriado pelos estudantes. A linguagem, nesse contexto, cumpre funções cognitivas, ao representar e estruturar o pensamento geográfico; funções expressivas, ao articular as emoções, os afetos e as experiências vividas pelos alunos; e funções comunicativas, ao possibilitar a construção coletiva de sentidos, negociações e compreensões sobre os conteúdos.

Essas funções da linguagem, conforme aponta Habermas (2004, 2022), não são apenas recursos acessíveis ao docente, mas princípios estruturantes da prática pedagógica. Assim, pensar a linguagem como dimensão da metodologia significa reconhecer sua potência na constituição dos sentidos do ensino e da aprendizagem em Geografia, especialmente quando se busca uma didática crítica, criativa e significativa.

Além disso, o estudo reforça a importância de que o planejamento didático em Geografia considere os modos como as linguagens são mobilizadas em sala de aula, não apenas como ferramentas ilustrativas, mas como meios formadores de pensamento geográfico. É preciso, portanto, um olhar mais atento à relação entre linguagem e metodologia, o que implica valorizar práticas pedagógicas inovadoras e coerentes com os objetivos formativos da Educação Geográfica.

Por fim, compreende-se que fortalecer o diálogo entre metodologias e funções da linguagem pode contribuir para o aprimoramento da Didática da Geografia como campo de estudo e prática docente. Essa articulação amplia as possibilidades de reflexão e atuação do professor, contribuindo para uma educação geográfica mais engajada com os desafios do presente e com a formação crítica e cidadã dos estudantes.

REFERÊNCIAS

CORDEIRO, Jaime. **Didática**. 2. Ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira; FREITAS, Glauber Magalhães de. Os filmes como instrumento didático-pedagógico para o ensino de geografia. **Geografia Ensino e Pesquisa**, v. 23, p. 1-28, 2019. Disponível em:

<http://observatoriodageografia.uepg.br/files/original/b9cd9af1bfe8f9dda9aa4dd50f28bbfd256be1ef.pdf>

CARNEIRO, Rosalvo Nobre. **Educação geográfica do agir comunicativo**: geografia escolar do mundo da vida. Paraná: Appris, 2022.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro; FERNANDES, Letícia Carvalho Belchior Emerick. As tecnologias digitais da informação e comunicação contribuindo para despertar o interesse dos alunos nas aulas de geografia: um estudo de caso no CEFET-MG. **Boletim De Geografia**, v. 36, n. 3, 2018. Disponível em:
<http://observatoriodageografia.uepg.br/files/original/dcc2fda1c289942b5b4ea38332bf91a6edc2b72b.pdf>

HABERMAS, Jurgen. **Pensamento pós-metafísico**: estudos filosóficos. Tradução: Flávio Beno Siebeneichler. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2022.

HABERMAS, Jurgen. **Verdade e justificação**: ensaios filosóficos. Tradução: Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LIBLIK, A. M. P. Didática e metodologia. In: LIBLIK, A. M. P. **Aprender Didática – Ensinar Didática**. Curitiba: InterSaberes, 2012. p. 23-33.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. - 2. ed. - São Paulo: Cortez, 2013.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Didática geral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

SANTOS, Clézio. A linguagem visual no ensino de geografia: o uso do desenho. **Boletim de Geografia**, v. 19, n. 2, 2011. Disponível em:
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/14156>

SILVA, Eunice Isaias da; CAVALCANTI, Lana de Souza. A mediação do ensino-aprendizagem de geografia, por charges, cartuns e tiras de quadrinhos. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 28, n. 2, p. 141-155, 2008. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/pdf/3371/337127150010.pdf>

VELLOSO, Telma Oliveira Soares. A música no ensino de Geografia: uma ferramenta de ensino e aprendizagem. **Revista ponto de vista**, v. 9, n. 3, p. 57-74, 2020. Disponível em:
<https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/10458>
